

82.09
62774h
ex: 1

nao C-92569232

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campos Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 0021

Data 07 / 03 / 05

() Compra (x) Doação () Permuta

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Ciências, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Edna Cristina Lima de Queiroz

Hamlet: o homem
Uma análise da tragédia “Hamlet” em busca de compreender o homem

Pontes e Lacerda
2004

Edna Cristina Lima de Queiroz

Hamlet: o homem

Uma análise da tragédia “Hamlet” em busca de compreender o homem

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentando ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduando em Letras.

Orientadora: Prof^a Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda
2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

Dedicatória

*À minha mãe que sempre me apoiou quando precisei;
Ao meu filho que compreensivamente me esperou todos os dias;
Também ao meu esposo pela paciência de não me encontrar em
casa quando precisava.*

... em um sentido bastante real, por mais humilhante que pareça, o que costumamos chamar nossos sentimentos são, na verdade, os significados de Shakespeare. (Harold Bloom)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus por permitir que eu chegasse até aqui, juntamente com a professora Vanderlucy M. M. Oliveira que capacitadamente me orientou, contribuindo para a realização deste trabalho.

Sumário

Resumo	7
Introdução	8
Hamlet: o homem - Uma análise da tragédia "Hamlet" em busca de compreender o homem	9
Considerações Finais	25
Bibliografia	26

Resumo

O ser humano, um ser complexo, dotado de virtudes e defeitos, é representado através da tragédia Hamlet como seres em busca de compreensão aos sentidos da vida.

Foram realizados estudos sobre a trajetória da dramaturgia até a conquista do drama elisabetano e suas influências; levantando informações sobre o que Shakespeare supostamente tenha usado ou seguido para atingir o título mais cobiçado, o de Centro do Cânone da Literatura Ocidental.

Em seguida, discorremos sobre supostas relações existentes entre Shakespeare e sua obra, pois a mesma, acredita alguns teóricos trata de sentimentos pessoais do próprio autor.

Observamos que Shakespeare, através da tragédia "Hamlet"(1600/1), trata de questões relevantes ao homem e ao universo, evidenciando o caráter humano e seus conflitos, levando-nos a refletir sobre os nossos atos e o sentido de estar no mundo.

Notamos que a obra pode ser analisada por diferentes pontos de vista, um dos termos comentado neste trabalho, por se tratar de um herói complexo, dotado de virtudes sendo este o diferencial dentre as obras Shakesperiana.

Palavras-chaves : homem, mundo,tragédia.

Introdução

A obra “Hamlet (1600/1) do dramaturgo inglês William Shakespeare é uma das obras mais estudadas da Literatura Ocidental, trata de questões relativas ao ser humano, buscando compreender o ser humano no sentido de responder inquietações pessoais e ao mesmo tempo contribuir para estudos posteriores, refletiremos sobre o personagem central Hamlet enquanto representação do ser humano.

Estudado cerca de quatro séculos, “Hamlet” (1600/1), compreende múltiplas interpretações de um “labirinto” em que ele se encaixa, já que até os nossos dias ainda existem indagações sobre essa tragédia sem respostas.

Conforme estudiosos precedentes, é neste Hamlet sem algumas respostas, que encontramos o humano que somos involuntariamente. Hamlet, um herói em busca de sua liberdade, reflete medo, angústia, fraqueza, dor, incertezas..., consegue ser tão real a ponto de nos representar tal como qual, nos capacitando não só a aceitar a nossa natureza conflituosa como assumi-la mediante a nossa realidade.

Shakespeare, através de sua criação, “Hamlet” (1600/1), nos permite tornar-nos consciente daquilo que jamais poderíamos imaginar que realmente somos, nos ensina a pensar e a enxergar a espécie em que nos constituímos, nomeada por humana.

A impressão que temos ao ler “Hamlet” (1600/1) é que, nós é que estamos sendo lido, ou seja, como se a peça lesse a nossa consciência, já que nos descreve com tanta semelhança.

Para melhor entender a capacidade das múltiplas variedades serem discernidas pelo drama, faremos uma breve trajetória de seu caminho, que nos levará o por que Shakespeare é o referencial mais comentado durante séculos e ainda na tentativa de esclarecer Hamlet, um ser ficcional, capaz de expor de tal maneira “os problemas fundamentais da condição humana”, tornando-se uma das maiores obras de William Shakespeare, dramaturgo capaz de compor todos os defeitos e qualidades em que o homem se constituiu.

Hamlet: o homem

Uma análise da tragédia “Hamlet” em busca de compreender o homem.

“Hamlet” (1600/1), uma das obras mais pesquisadas por teóricos em busca de uma compreensão mais detalhada, suscita no decorrer dos séculos várias interpretações relacionada a seu grande autor e Dramaturgo mais conhecido da literatura Ocidental, William Shakespeare.

Obra esta, cujo protagonista pertence o mesmo nome Hamlet, retratando uma trágica história de um príncipe Dinamarquês, universitário intelectual que ao perder o pai, que também tinha o mesmo nome, o rei Hamlet, sofre decepções percebendo algo de podre em seu reino.

O Príncipe por ter uma ótima percepção, era o único capaz de enxergar a corrupção e falsidade humana, a começar pela própria mãe que perdera o marido, e não respeitando o período de luto casa-se rápido demais com seu cunhado, irmão de seu pai.

Hamlet passa então a viver uma crise existencial, tendo apenas duas opções, engolir os defeitos ou combatê-los, sendo a segunda a sua escolha, resultando em sua trágica história. Incitado pelo fantasma de seu pai, Hamlet passa a viver em busca da verdadeira causa da morte de seu pai. Com isso o Príncipe consegue expor mediante seus monólogos o que todos os seres humanos vivenciam mediante uma dúvida, Hamlet faz uma série de perguntas a si mesmo se deparando com a incerteza, o que o leva a deixar de realizar suas decisões ou funções a qual foi incumbido, a vingança de seu pai, o rei Hamlet.

Hamlet não age apenas em função de uma vingança, assim como evidencia o homem em conflitos, mostrando o ser humano refletindo sobre seus atos e sobretudo nas coisas da vida, onde a indecisão, características própria do ser humano, torna-se objeto responsável por prolongar sua missão; impedindo-o de decidir entre o certo ou errado.

Segundo Bloom (1998), vários estudiosos atribuem a esse sucesso de “Hamlet”(1600/1), por ter sido uma reformulação de uma primeira obra, conhecida por Ur – Hamlet e que teria sido escrita por Thomas Kyd, autor da A Tragédia Espanhola. Bloom confessa que jamais entendeu porque os estudiosos

consideram A Tragédia Espanhola uma forte influência em Hamlet; como se observa no fragmento abaixo:

A Tragédia Espanhola gozava de grande popularidade, mais é uma peça ruim, tola, pessimamente escrita, o que qualquer leitor pode logo constatar. É difícil ir além das primeiras páginas, e inadmissível que a peça tenha impressionado Shakespeare. Será mais racional supor que a primeira versão de Hamlet tenha influenciado A Tragédia Espanhola, e que qualquer efeito do esquálido melodrama de Kyd encontrado no Hamlet em sua versão final demonstre Shakespeare recuperando algo que sempre lhe pertencerá. (BLOOM, 1998, p. 496).

Como o próprio Bloom (1988) diz a respeito de A Tragédia Espanhola ser uma peça ruim, ao contrário do que se fala de “Hamlet” (1600/1), que é uma peça bem elaborada alcançando o agrado de todos; nos permite acreditar que “Hamlet” (1600/1) dificilmente seria o sucesso imortal de Shakespeare, se estivesse sido influenciado por uma peça como nos é colocada pelo teórico acima.

Bloom (1998), diz que após várias buscas sobre o assunto, Peter Alexander deduziu que “o próprio Shakespeare teria escrito Ur – Hamlet” no início de sua carreira, e maior explicação para a sua afirmação é que o Hamlet revisado mostre, implicitamente, um novo Shakespeare, mais maduro capaz de enxergar as coisas a sua volta com mais clareza, se submetendo a mudanças, como diz Bloom, passou por uma gestação de mais de uma década não sendo só a “tragédia de vingança que finge ser” e sim o teatro do mundo, onde nenhum outro personagem, nem mesmo Falstaff ou Cleópatra compara-se a Hamlet e suas multiplicidades, a exemplo:

Nenhum outro personagem das grandes tragédias ou dos romances poderiam pisar o palco ao lado de Hamlet; alguns dentre eles podem até conter ceticismo, mas não um misto de ceticismo e Carisma. Ao lado de qualquer um deles, Hamlet estaria sempre na peça errada – Mas a questão é que ele já está na peça errada. A corte podre de Elsinore é ratoeira pequena demais para pegar Hamlet, embora ele para lá retorne, para matar e ser morto. (BLOOM, 1998, p. 481).

Acredita-se que a frase referida por Shakespeare é a causa da catástrofe na obra atual, “Há algo de podre no reino da Dinamarca”. Sendo essa podridão a causa da derrota da Dinamarca pelo Norueguês Fortinbrás, que em busca de conquistar a terra perdida pelo seu pai morto, jura vingança e vence a batalha assumindo o Trono da Dinamarca.

Com algumas mudanças de Ur – Hamlet para Hamlet, o príncipe Dinamarquês, supõem-se algumas diferenças como: Sendo o primeiro Hamlet parecido com Amleth de Belleforest, o mesmo refletia sobre si mesmo e não sobre sua volta, já o segundo Hamlet é ao contrário do primeiro, mostra-se revoltado a podridão existente em seu reino e a sua administração.

Segundo alguns teóricos todas essas mudanças tornam Hamlet uma peça de alto nível intelectual e complexa para se ter alguma certeza da intenção sobre a peça escrita.

Hamlet é o experimento aperfeiçoado, a prova de que significado não é gerado pela repetição por acidente ou erro, mas pela transcendentalização do secular, uma apoteose que representa a aniquilação de todas as certezas do passado cultural.” (BLOOM, 1998, p.485).

Em virtude de Shakespeare tê-lo reescrito adaptando a antiga lenda para o palco, atribuiu ao herói um novo estilo, como nos coloca D’Onofrio, “o caráter perplexo e problemático, próprio do homem de sua época”, que trata questões ainda hoje relacionadas ao homem, rompendo as barreiras do tempo. A peça está dividida em cinco atos e contém quase quatro mil linhas, as cenas ocorrem em diferentes ambientes, o que vem a desrespeitar a norma da estética clássica, em se tratando de lugar, mas como vimos anteriormente, Shakespeare não seguia regras.

As cenas mais atrativas acontecem em lugares lúgubres durante a noite, temos como exemplo a aparição do fantasma, uma cena fantástica, que acontece exatamente a meia noite, envolvendo medo, a escuridão e os mistérios que o homem desconhece.

Salvatore D’Onofrio (1997), atribui a isso juntamente com a fala de Hamlet, uma “crença nas superstições, nas forças ocultas, na aparição de almas de outro mundo”, tratadas por pessoas que acreditam existir, por forças religiosas, como vê-se no fragmento abaixo:

Hamlet: Agora chega a hora maligna da noite,
Quando as campas se abrem, e o próprio inferno
Expira seu hálito mefítico no mundo.
Agora eu poderia beber sangue quente,
E perpetrar horrores de abalar o dia, (...)
(SHAKESPEARE, 1988, p.80).

Novamente como percebemos na fala de Hamlet, a noite é vista como a hora dos mais possíveis horrores que o homem pode viver. O mesmo como vemos acima, assume que por influência a esses mistérios, poderia cometer “horrores de abalar o dia”.

De acordo com D’ Onofrio a figura do fantasma, se enquadra no dogma da “religião católica”, que prega sobre almas em que se encontram em estado purgativo, como ocorre com o fantasma.

Com as várias formas interpretativas que “Hamlet” (1600/1) nos oferece; podemos encontrar diferentes pontos de vista em relação ao drama.

No contexto épico o drama poderia se visto como um acontecimento histórico em se tratando de vitórias e derrotas, já que a Dinamarca é derrotada pela Noruega devido uma briga de antecedentes:

No Hamlet Shakespeariano, a Dinamarca é um país poderoso, que domina as vizinhas nações da Noruega, Polônia e Inglaterra que lhe são tributárias.

Seu rei, Hamlet (pai),... mata em duelo o rei da Noruega e se apossa dos territórios em demanda. Mas, mais tarde, o filho de Fortinbrás vinga a morte do pai e anexa a Dinamarca à Noruega. (D’ ONOFRIO, 1997, p.316).

Como dissemos anteriormente, Hamlet também é popularmente conhecida como “a tragédia de vingança”, pois a mesma de início ao fim tem por objetivo a vingança; que acaba por gerar outras. Hamlet quer vingar a morte do pai (Hamlet), assim como Laertes também quer vingar a morte de seu pai, sendo o causador Hamlet, e em seguida o jovem Fortinbrás da Noruega, que como já foi dito, vence a batalha, vingando a memória de seu pai e reconquistando as terras perdidas. Aqui ocorre três vinganças relacionadas ao mesmo membro familiar, o pai, tomando o tema ainda mais marcante em relação a tantas vinganças. A fim de maiores esclarecimentos identificaremos as características de uma “tragédia de vingança”:

1º) a vingança é a principal ação da peça; temos de ver o que a provoca, como ela é planejada e sua execução; 2º) a vingança é a causa da catástrofe: não pode aparecer depois da crise, tem de ser parte dela; 3º) normalmente mostra fantasma (s) exigindo vingança; 4º) há hesitação na execução da vingança; 5º) há demora na execução, que não é repentina mas, sim, longamente planejada; 6º) aparecem elementos de loucura real ou fingida e 7º) a contra-intriga do antagonista é forte, bem armada e recebe considerável ênfase. (HELIODORA, 1998, p.103).

D'Onofrio ainda atribui a "Hamlet" (1600/1), como "o tema da astúcia", por se tratar de uma obra de encontro de inteligências, todos os personagens da peça são realmente astutos, com exceção a Ofélia e a rainha Gertrudes, talvez por haver um certo preconceito em relação às mulheres da época, os demais têm interesse de vencer o outro através das artimanhas.

O personagem que mais se destaca na obra em relação a inteligência é Hamlet, que finge-se de louco para atingir seu objetivo, ele tem uma ótima percepção. A. C. Bradley observa que Hamlet, ao contrário de Otelo, teria conseguido livrar-se de Iago sem mais delongas, em apenas um ou dois diálogos, Hamlet perceberia quem Iago era, e o levaria ao suicídio, "por meio da paródia e da galhofa."

Em meio a tantas nomeações, Hamlet também é visto como um herói indeciso ou mesmo que tenha falta de vontade. Isso lhe é atribuído devido a sua demora em vingar-se; a dúvida é o efeito que causa essa demora. O herói como qualquer um de nós quer uma prova real do crime cometido pelo tio; apesar de o próprio Hamlet ter consciência de sua demora por falta de decisão, como vê-se na citação a seguir:

Hamlet: todos os acontecimentos parecem me acusar,
Me impedindo a vingança que retardo!
(...) Para mofar em nós, sem uso. Ora, a não ser por
esquecimento animal,
Ou por indecisão pusilânime,
Nascida de pensar com excessiva precisão nas
consequências."
(SHAKESPEARE, 1988, p. 99)

Em busca a tantas explicações a respeito da dúvida vivida pelo herói, temos o trecho que apesar do tempo sobreviveu e marcou a história, um dos mais famosos solilóquios do herói “Ser ou não ser”:

Hamlet: Ser ou não ser – eis a questão.
 Será mais nobre sofrer na alma
 Pedradas e flechadas do destino feroz
 Ou pegar em armas contra o mar de angústias -
 E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
 Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
 Dores do coração e as mil mazelas naturais
 A que a carne é sujeita; eis uma consumação
 Ardentemente desejável. Morrer – dormir –
 Dormir! Talvez sonhar. Ai está o obstáculo!
 Os sonhos que hão de vir no sono da morte
 Quando tivermos escapado ao tumulto vital
 Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
 Que dá à desventura uma vida tão longa.
 Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
 A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
 As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
 A prepotência do mando, e o achincalhe
 Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
 Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
 Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos,
 Gemendo e suando numa vida servil,
 Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
 O país não descoberto, de cujos confins
 Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a
 vontade,
 Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
 A fugirmos pra outros que desconhecemos?
 E assim a reflexão faz todos nós covardes.
 E assim o matiz natural da decisão
 Se transforma no doentio pálido do pensamento.
 E empreitadas de vigor e coragem,
 Refletidas demais, saem de seu caminho,
 Perdem o nome de ação. (*vê Ofélia rezando.*)
 Mas, devagar, agora!
 A bela Ofélia!
 (*Para Ofélia.*) Ninfa, em tuas orações
 Sejam lembrados todos os meus pecados.
 (SHAKESPEARE. 1988, p.63)

Como podemos observar, o herói através deste monólogo consegue expressar os mais conflituosos sentimentos em que se encontra. A incerteza, como é colocada pelo próprio Hamlet, por ser refletida demais acaba por desviar o seu caminho, ou seja, é a causa de sua demora em consumir a vingança imposta pelo fantasma. Mas o mesmo se atormenta, necessitando de uma decisão entre lutar ou

aceitar os mandos e desmandos, já que ele não poderia mais suportar tantas imposições de pessoas “inúteis”, como mesmo diz.

Em busca de um maior entendimento a esse monólogo, tomamos por base D’Onofrio que faz a seguinte interpretação:

Está colocado aqui o dilema fundamental do ser humano: aceitar evangelicamente o sofrimento, o ultraje e a injustiça ou revelar-se e tentar enfrentar as adversidades, retrucando com as mesmas armas da violência e da perfídia e não seria melhor refugiar-se no esquecimento do sono, do sonho, da morte? Mas como encontrar na morte o descanso de todas as opressões, se apenas terríveis ameaçam os suicidas no mundo desconhecido do além? (D’ONOFRIO, 1997, p. 320)

Apesar da obra ter sido escrita a mais de quatro séculos, Hamlet, o protagonista, consegue expressar a dúvida existencial em que, ainda em nossos dias, o homem se encontra, dúvida esta que começa, assim como o herói, entre aceitar ou lutar contra as adversidades que nos assolam. Dessa forma acaba nos tornando desleais a nós mesmos, já que para enfrentar essas adversidades temos que apagar a nossa identidade para assumirmos uma outra.

Hamlet questiona se não seria mais fácil morrer, livrando-se da dor que o consome. No tocante aspecto, não só Hamlet como todo o homem, mediante as incertezas de um mundo desconhecido, prefere enfrentar as mazelas de um mundo conhecido, já que não se sabe o que o espera após a morte.

Shakespeare, consegue nos retratar perfeitamente como seres humanos condicionados que somos, à “dúvida existencial” que nos atormenta, a incerteza que sempre nos impede de agir, tornando-nos seres passivos mediante situações em que requer ações. D’Onofrio classifica essa condição como “a tragédia dos conflitos da consciência”, que Shakespeare em sua obra brilhante retrata uma problemática universal.

Hamlet inquieto pela sua incerteza, usa a peça “A ratoeira”, para observar a reação do tio mediante a apresentação se certificando que o mesmo é realmente o criminoso responsável pela morte de seu pai.

Luciano: Pensamentos negros, drogas prontas, hora dada tempo cúmplice, mãos hábeis – e ninguém vendo nada;

Tu, mistura fétida, destilada de ervas homicidas.
 Infectadas por Hécate com tripla maldição, três vezes
 seguidas,
 Faz teu feitiço natural, tua mágica obscena,
 Usurparem depressa esta vida ainda plena.
 (Derrama veneno no ouvido do rei)
 (SHAKESPEARE, 1988, p.75)

D'Onofrio nos chama atenção para os rituais de magia negra proferidos na apresentação de "A Ratoeira", que relacionadamente se referem a coisas más. Sabiamente Hamlet, como diz o ditado popular, "joga o verde para colher o maduro", tendo a certeza de que o tio era a pessoa que ele acreditava ser.

Podemos dizer que "Hamlet" (1600/1), é uma obra que nos chama a refletir, a mesma constantemente é interrompida por reflexões verdadeiras, a qual o homem faz parte. Usando a versão atual de Hamlet, podemos nos certificar de parte dessas reflexões que nos é apresentada por D'Onofrio.

(Expressão de Marcelo, sentinela do Castelo do Elsinore e amigo de Hamlet, ao perceber o colóquio do príncipe com o espectro). (D'ONOFRIO, 1997, p. 311).

"Marcelo: Há algo de podre no Estado da Dinamarca."
 (SHAKESPEARE, 1988, P. 30)

Isso acontece logo nas primeiras cenas, que mediante a aparição, dá-se a entender que algo de ruim está para acontecer no reino, já que o fantasma, coisas de um outro mundo, se trata do antigo rei da Dinamarca.

(Hamlet, ao espanto do amigo perante o prodigioso aparecimento do espectro). (D'ONOFRIO, 1997, p. 311).

**"Hamlet: Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,
 Do que sonha a tua filosofia."**
 (SHAKESPEARE, 1988, p. 36)

Como podemos observar na fala de Hamlet, nem tudo no mundo tem explicação científica, como exemplo temos a aparição do espectro, que por força maior levam as pessoas a acreditar em sua existência, o qual faz parte dos mistérios que compõe o mundo.

(Polônio, admirando a lucidez da loucura de Hamlet). (D'ONOFRIO, 1997, p. 311).

“Polônio: (à parte) Que respostas precisas! Achados felizes da loucura; a razão saudável nem sempre é tão brilhante.”

(SHAKESPEARE, 1988, p. 48)

Conforme a citação acima, é na loucura que Hamlet aproveita para dizer tudo o que pensa, sem precisar de rodeios e nem meias palavras, coisa que uma pessoa em estado lúcido não o faria por mais verdade que fosse; a não ser em um ponto extremo em que o ser humano pode chegar.

(Diálogo de Hamlet com o rei Cláudio, a respeito da morte de Polônio) (D’ONOFRIO, 1997, p. 312)

Hamlet: Está sendo comido. Um determinado congresso de vermes políticos se interessou por ele. Nesses momentos, o verme é o único imperador. Nós engordamos para engordar as lavas. O rei obeso e o mendigo esquelético são apenas variações de um menu – dois pratos, mas na mesma mesa; isso é tudo. Um homem pode pescar com o verme que comeu o rei e comer o peixe que comeu o verme (...) um rei pode fazer um belo desfile pelas tripas de um mendigo. (SHAKESPEARE, 1988, p. 96).

Neste contexto, Hamlet usa de sua ironia, arrancando risos por mais triste que seja a verdade, nos transmite coisas que jamais conseguiríamos reconhecer sem ele, ainda mais em se tratando dessa vida circular em que nos englobamos para dar continuidade ao ciclo “vida”. Não podemos deixar de frisar que o fim de todos, independente de classe social será o mesmo, como diz o próprio Hamlet, os vermes serão os mesmos, só muda o cardápio, entretanto há quem se julgue melhores que outros, priorizando o poder aquisitivo de uns, enquanto que outros é menosprezado por serem julgados inferiores, assim poucos levam em consideração a pessoa em si, dando mais importância a classe social em que ela se enquadra.

Desse modo, o humano, como o próprio nome sugere, deixa de ser caridoso, não importando com os que estão a sua volta, sendo auto-suficiente para preocupar-se com coisas “menores”, como pessoas.

Uma outra passagem que merece destaque considerada maior dentre as obras Shakesperiana, acontece quando Hamlet através de seu pai faz um dos maiores elogios referente ao homem: “Ele era um homem”, frase esta, de grande

significado, permanece ainda viva em nosso meio, não há quem não se lembre dela sem que se lembre do grande dramaturgo William Shakespeare:

... é esse homem, medida de todas as coisas, esse homem que não tem mais um lugar tão fixamente definido entre anjos e animais, numa terra em torno da qual girava o universo, esse homem feito de dúvidas, incertezas, indagações, porém cada vez mais obrigado a responder por seu destino (...). (HELIODORA, 1998, p. 99)

Conforme atesta estudos precedentes, a loucura de Hamlet tem rendido muitas pesquisas, há quem diga que ele realmente tenha ficado louco e não que apenas fingi-se de louco para melhor formular sua vingança, a título de ilustração:

(...) é contestado por dois fatos básicos: em primeiro lugar, o herói trágico tem de ser responsável por seus atos e seu destino, e portanto não pode ser louco; em segundo, basta olhar com cuidado o texto de Shakespeare: a loucura é toda escrita em prosa (e por meio dela Hamlet pode dar largas a sua aversão ao rei e a Polônio, por exemplo, mas sempre que o vemos só ou com Horácio, durante o período supostamente “louco”, ele fala em verso, que é a linguagem do pensamento harmônico. (HELIODORA, 1998, p. 102).

Como a própria citação relata, o herói trágico tem que se responsabilizar pelos seus atos. Hamlet, jamais deixa de assumi-los, nem mesmo quando está no leito de sua morte, ele, deixa Horácio para explicar suas ações; essa atitude só poderia partir de uma pessoa lúcida, preocupada com seu nome, e não de um louco como supõem que Hamlet tenha ficado.

Mediante a tantos questionamentos, não há quem não faça a mesma pergunta; o porque “Hamlet” (1600/1), mais que as outras obras, se tornou a mais famosa de William Shakespeare? De acordo com Heliodora a resposta mais comum é a de que o Hamlet seria uma “metáfora da própria vida”, pois o mesmo é o retrato fiel de nossa vida. Hamlet, consegue mais que qualquer outro ser persuasivo em suas falas, o próprio tem consciência disso; quando se refere a mãe, D’Onofrio refere-se a essa persuasão como “a arte de convencer”. Hamlet: (...) minhas palavras serão punhais lançados sobre ela; (SHAKESPEARE, 1988, p. 80).

Por “Hamlet” (1600/1) ser a obra mais famosa de Shakespeare, Bloom nos aponta a afirmação de James Joyce, sobre Hamlet ser o filho mais querido de Shakespeare, a mesma, o identifica com Hamnet, filho de Shakespeare que morreu aos onze anos de idade em 1596; aproximadamente 4 ou 5 anos antes do surgimento da nova versão de Hamlet.

Hamlet com suas falas irônicas, segundo Bloom, nos deixa em dúvida se a obra não é mesmo um caso pessoal para Shakespeare. Dentre as falas, temos perguntas como esta a seguir, que nos faz refletir sobre as verdades que nos envolvem ao mundo. Hamlet: ... Se ninguém é dono de nada do que deixa, que importa a hora de deixá-lo? (SHAKESPEARE, 1988, p. 133)

Tendo em vista algumas coisas comuns que nos envolve no dia-a-dia, mas que por mero descuido ou mesmo por falta de sensatez passamos despercebidos. “Hamlet” (1600 / 1) no quinto ato da obra nos faz enxergar com mais nitidez sobre esses assuntos. Uma das pautas que merece ser comentada, é a necessidade de sobrevivência, que muitas vezes tornam as coisas normais; temos como exemplo o coveiro que cantava enquanto abria uma sepultura, coisa estranha para quem não vive a mesma situação:

Hamlet: Esse camarada não tem consciência do trabalho que faz, cantando enquanto abre uma sepultura?

Horácio: O costume transforma isso em uma coisa natural.

Hamlet: É mesmo. A mão que não trabalha tem o tato mais sensível.

(SHAKESPEARE, 1988, p. 119)

Mas adiante, Hamlet nos chama a atenção para o seu diálogo com o coveiro, que declaradamente diz que o coveiro é esperto:

Hamlet: Pra que homem está cavando o túmulo?

Primeiro coveiro: Pra homem nenhum, senhor.

Hamlet: Pra qual mulher, então?

Primeiro coveiro: Nenhuma, também.

Hamlet: Então o que é que você vai enterrar aí?

Primeiro coveiro: Alguém que foi mulher, senhor; mas, paz à sua alma, já morreu.

Hamlet: O patife é esperto! Devemos falar com precisão, ou ele nos envolve em ambigüidades.

(...) nosso tempo se tornou tão refinado que a ponta do pé do camponês já está no calcanhar do cortesão;

até lhe machucando os calos.
(SHAKESPEARE, 1988, p. 121)

Hamlet, usa essa passagem, evidenciando que não só os de nível superior, mas como os mais inferiores possuem esperteza e habilidades em suas respostas, estes apenas não tiveram a sorte de alguns; que mesmo sem possuir nenhuma habilidade de intelecto conquistam ou já nascem como donos de fortunas. Portanto possuir um nível elevado de inteligência não se trata de questões financeiras e sim de possuir um grau de inteligência maior que outros.

Depois o herói persiste em nos conscientizar, que todos teremos o mesmo fim, independente de quem sejamos, como vê-se no trecho que se segue:

Hamlet: você acha que Alexandre também ficou assim embaixo da terra?
Horácio: Assim mesmo.
Hamlet: E fedia assim? Puá! (joga o crânio fora).
Horácio: Assim mesmo.
Hamlet: (...) vê só: Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado; Alexandre voltou ao pó; o pó é terra; da terra nós fazemos massa.
(SHAKESPEARE, 1988, p.123)

Mais uma vez Hamlet insiste em nos dizer detalhadamente como será o nosso fim; chegando ao ponto de nos dar exemplo através de um crânio que tinha sido desenterrado naquele momento, o herói faz uma analogia entre o falecido Imperador Alexandre e o crânio; nos passando a idéia de como exatamente ficaremos após a morte. Outro ponto levantado por Hamlet é que, a única certeza que temos é a de que caminhamos para a morte.

Após Hamlet ter retornado a Elsinore, percebemos uma maior maturidade por parte do herói, o mesmo não tem mais monólogo, nos dando a idéia que a distância da Corte lhe deu mais objetividade em relação a sua missão. O fato de Hamlet agir com mais maturidade evitando tomar atitudes precipitada, faz com que o herói consiga evitar matar seu tio quando o encontrou em oração. “Hamlet: (...) Um monstro mata meu pai e, por isso, Eu, seu único filho, envio esse canalha ao céu. Oh, ele pagaria por isso recompensa – isso não é vingança.” (SHAKESPEARE, 1988, p.83).

Como observamos no trecho acima, Hamlet tem um raciocínio impressionante, mesmo em uma situação difícil em que se encontra, calcula seus

atos imaginando que o tio poderia ser salvo se morto no momento da oração, o que o levaria a não cumprir sua missão por completo.

Como foi dito anteriormente, a demora de Hamlet em se vingar gera inúmeras interpretações; Bloom (1988) nos afirma que há quem diga que Hamlet tem receio de matar Cláudio por suspeitar estar matando seu próprio pai. Em contrapartida também diz que Freud faz uma analogia entre o personagem Hamlet e Édipo rei; o psicanalista diz que Hamlet não aceita o tio Cláudio por sentir ciúme da mãe, e ainda afirma, que o herói por se sentir traído pela mãe despreza a noiva Ofélia e outras mulheres.

Conforme a interpretação de Freud, pode-se perceber “o complexo de Édipo”, visto que acredita existir um sentimento edipiano em Hamlet e sua mãe.

Hamlet ao retornar a Elsinore, torna-se mais seguro de si mesmo, capaz de revisar suas atitudes. De certa forma essa transformação de Hamlet, nos leva a um processo de auto – avaliação, revisando nós mesmos como seres sujeitos à mudanças; nos levando a entender as mudanças interiorizadas em nosso ser.

A divisão do herói entre “ser tudo e nada ser”, gera não só conflitos nele, como nos atormenta a vida e a literatura.

Hamlet é sempre, ao mesmo tempo, o personagem mais jovem e mais velho da peça, no sentido mais profundo do termo é mais velho do que Falstaff. Foi a consciência que o envelheceu, a consciência catastrófica da mazela espiritual que assola o mundo, que ele internalizou e que não quer ser chamado a curar, tão-somente porque a verdadeira causa de sua versatilidade é o impulso rumo à liberdade. (BLOOM, 1998, p. 533)

Assim como Hamlet, envelhecemos a cada dia diante de várias situações, a vida cada vez mais torna-se complexa para nos enquadrarmos nela, sendo aí o ponto principal que nos obriga amadurecer independente da idade, pois livrar-nos de decepções e durezas da vida, somente com a morte ainda sendo incerta como destino.

Simbolicamente no luto Hamlet, não só representa o luto pelo seu pai, como também, seus sentimentos interiores, os quais são sua tristeza, sua vontade de desligar desse mundo, seu desgosto por tanta podridão existente em seu reino governado por um rei indigno do trono, onde o próprio herói diz que é “Um rei só

de remendos e retalhos...”, pela perdição de sua mãe, assassinato de seu pai e tantas outras coisas que o envolve, o herói passa a tratar os que o rodeiam com uma certa dúvida, tratando a realidade existente indiferentemente. Alguns teóricos associam Shakespeare a Hamlet, isso ocorre por transportar seu descaso a seu personagem, existindo assim, um universalismo entre criação e criador.

Porém se a dor maior de Shakespeare adveio da morte do filho Hamnet, o luto aparece de tal modo transmutado na tristeza de Hamlet que chega a ser irreconhecível. (...) Em Shakespeare, o dramaturgo, também observamos uma espécie de descaso, mas conforme Hamlet, trata-se mais de uma predisposição à mudança do que mera displicência. (BLOOM, 1998, p. 514).

Vale lembrar, que por se tratar de um intelectual, Hamlet apaga tudo que aprendeu para cumprir sua vingança, pois com todo conhecimento que adquiriu no decorrer de sua vida, seria impossível se prestar a esse papel. O mesmo tenta deixar de ser quem ele realmente é, um príncipe universitário, um homem de princípios e conhecimentos, passando a assumir a postura de um louco para atingir seu objetivo:

Hamlet: (...) Ouve, vou apagar da lousa de minha memória todas as anotações frívolas ou pretensiosas, Todas as idéias dos livros, todas as imagens, Todas as impressões passadas, Copiadas pela minha juventude e observação. No livro e no capítulo do meu cérebro Viverá apenas o teu mandamento, (...) (SHAKESPEARE, 1988, p. 33)

Para cada situação vivida, temos muitas vezes que nos transformarmos adquirindo uma outra personalidade, temos como o faz Hamlet, apagar a existência de um “eu” para que possamos dar lugar a um outro. Isso acontece de acordo às situações em que nos encontramos e que para cumpri-las temos que nos adaptar à vários “eus”.

Tamanha é a intelectualidade do herói, que compara o povo de seu reino a ervas daninhas, e que simbolicamente é representada através do jardim de seu reino, onde tudo começou, sendo o rei assassinado. As pragas, o modo como o

herói se refere a elas, são pessoas ruins, de má índole, que se alastra contaminando o jardim, ou seja, contaminando pessoas boas, justas, em que o próprio Hamlet, mediante seus atos é contaminado, sendo levado a sua ruína.

Hamlet: (...) Isto é um jardim abandonado,
Cheio de ervas daninhas,
Invadido só pelo veneno e o espinho –
Um quintal de observações da natureza,
Que tenhamos chegado a isto...
(SHAKESPEARE, 1988, p. 18)

Hamlet morre como um verdadeiro herói, é humilde ao pedir perdão a Laertes, perdendo também o amigo, despede-se da mãe e exige que Horácio permaneça vivo para contar sua história honrando seu nome, ele sabia que Horácio o queria muito bem sem julgar seus atos, no entanto era a pessoa ideal para contar sua história.

Na realidade, o povo e Horácio, amam Hamlet sem contestar seus atos, aceitando-o do jeito que ele é, ademais em seus últimos momentos de vida ele assume a postura de rei preocupado com o destino de seu povo, e reconhece que Fortínbras é digno do trono; a título de exemplo:

Hamlet: Oh, eu morro, Horácio; O poderoso veneno
domina o meu espírito.
Não vou viver pra ouvir notícias da Inglaterra;
Mas profetizo que a eleição recairá em Fortínbras.
Ele tem o meu voto agonizante;
Diz-lhe isso e fala de todas as ocorrências, (...)
(SHAKESPEARE, 1988, p. 138)

Hamlet não só alcança seu objetivo, sendo reconhecido pelo povo, conforme o próprio rei Cláudio reconhece dizendo, “mas contra ele não devemos usar a dura lei. Hamlet é amado pela multidão leviana”; como também é admirado por Fortínbras, seu inimigo, a exemplo:

Fortínbras: Que quatro capitães carreguem Hamlet
como soldado para um cadafalso,
É evidente que, se houvesse reinado,
Seria um grande rei.
(SHAKESPEARE, 1988, p. 140).

Contudo, Hamlet torna-se um espelho para o ser humano, em que reflete nossas dores, angústia, tristeza, ódio, descaso, incertezas, medo e fraquezas; sem nos julgarmos como maus ou bons, e sim como imperfeitos que somos, capazes de refletimos sobre as coisas mundanas que nos corrompem, nos tornando seres melhores. Indiscutivelmente Shakespeare, como um bom observador, atinge através de “Hamlet” (1600/1), a realidade em que o homem e seus conflitos vive, nos levando a compreender a nossa própria natureza.

Considerações Finais

Não se sabe se o Centro do Cânone Literário Ocidental, William Shakespeare, tinha consciência da grandeza de sua obra, "Hamlet" (1600/1), entre todas as suas peças esta torna-se memorável, prolongando a vida do autor a mais de quatro séculos.

A peça nos leva a refletir em busca de mais compreensão do que seja o ser humano, a mesma, por ter sido escrita em épocas diferentes, trata de sentimentos que continuam iguais em nossos dias, o que faz da peça uma obra atual e universal. Através dela, podemos concluir que o "ser humano", dependendo da situação em que se encontra, se torna um ser de virtudes ou defeitos, muitas vezes a causa de seus atos está nos acontecimentos que o envolve. Entretanto, "Hamlet"(1600/1) nos mostra a realidade tal qual como somos, ele, consegue contestar através de seu "desvario", as relações sócias ainda existentes, porém sem nos julgar como maus, e sim como imperfeitos que somos, sujeitos a cometer erros e acertos.

Bibliografia

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BURGESS, Antony. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1996.

CEVASCO, Maria Elisa e Siqueira, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1998.

HELIODORA, Bárbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

ONOFRIO, Salvatore D'. *Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1997.